

## 6. Conclusão

O caminho percorrido para a construção do caráter do jornalista buscou contemplar as vozes dos interlocutores internos, a partir de entrevistas e também de materiais com depoimentos e registros de ações do grupo, e, ao mesmo tempo, agregar a estas vozes novos elementos que, ainda que não reivindicados, pudessem estar de alguma maneira atrelados ao caráter do jornalista. A relação do grupo com a “prática” e com a “teoria” ajudou a perceber, apresentar, interpretar e problematizar a construção do grupo e suas concepções sobre os modos de *ser* e *fazer* jornalismo.

Explicitar as características reivindicadas pelo grupo contribuiu para a noção de que havia um grupo se formando a partir de critérios que iam sendo trazidos para junto daquela unidade. Diante de uma ideia de “prática”, foi possível encontrar elementos que iam se colocando, no discurso do próprio jornalista, como favoráveis à formação de um grupo.

Detalhar quais eram tais elementos e as definições dos jornalistas, caracterizando-os como formadores do caráter do grupo colaborou com a produção de um quadro, de um “tipo ideal” do caráter do jornalista, com fatores que são, segundo o grupo, identificáveis como componentes e não componentes dos modos de *ser* e *fazer* jornalismo.

Interpretar as escolhas de certos elementos se fez necessária já que, ao definirem os elementos “práticos” formadores do caráter do jornalista, os profissionais também estariam descartando, não reivindicando ou ocultando elementos que poderiam influenciar na formação do grupo. Ao problematizar estas escolhas, cogitando a possibilidade de interações entre “teoria” e “prática”, desenha-se um “caráter” do jornalista mais abrangente, que leva em consideração as escolhas nativas, mas também contempla a possibilidade de relações entre critérios aparentemente dissonantes na formação do grupo.

O caráter do jornalista não se forma apenas tomando o discurso do nativo como palavra definitiva e muito sobre ele pode ser revelado também naquilo que não foi evidenciado em seu discurso. Sendo assim, é importante perceber os

elementos selecionados pelo grupo e também aqueles elementos que não se quer assumir.

Com isso, conhecer os aspectos característicos do grupo propicia a percepção sobre

- ✓ as categorias nativas de comportamento e pensamento;
- ✓ os aspectos não reivindicados que, ainda assim, se relacionam com o caráter do grupo;
- ✓ a produção retórica de uma lógica interna e seus impactos nos modos de *ser* e *fazer* jornalismo;
- ✓ a relação construída com os atributos mais ou menos afastados do grupo.

*Reações: aceitar, contrariar ou dialogar com o caráter do jornalista?*

Resgato o aspecto da “Curiosidade”, aquele gerador de questionamento das escolhas e da construção do caráter do grupo, e me aproprio dele para pensar como esta tipificação do caráter do jornalista pode causar reações, impactando instituições, pensadores e demais grupos e lugares que se propõem a lidar com o jornalista e o jornalismo.

Ou seja, se existe um caráter do jornalista, como lidar com ele? Quais reflexões são possíveis sobre o impacto deste “tipo ideal”? Como identificar onde este caráter é aceito, onde é questionado ou criticado e onde poderia ser convidado a um diálogo, a uma negociação dos elementos “práticos” e “teóricos”? A partir da construção desse quadro ideal, muitas relações entre as características do grupo e temas que fazem parte do mundo do jornalista e do jornalismo podem ser produzidas. Trago, aqui, uma primeira sugestão.

Abordarei um elemento fortemente identificado como teórico: o ensino universitário, para pensar qual é a postura de universidades, instituições e intelectuais ligados ao Jornalismo diante das características do caráter do jornalista. Tendo em vista a intervenção retórica negativa com relação à universidade, que tipo de reação, que tipo de diálogo é possível estabelecer com o grupo?

### *Aceitar*

A primeira “reação” ao caráter do jornalista será denominada de “aceitação”, ou seja, de relação com o grupo a partir do acolhimento dos elementos retóricos reivindicados e denominados “práticos”.

Um exemplo me chega através de um e-mail da Universidade de Columbia, com convite para que eu me inscreva em um curso de pós-graduação do Departamento de Jornalismo da universidade. No último parágrafo da mensagem, aquele que formaliza o convite a conhecer e se inscrever num curso de pós-graduação da universidade, a impressão final que se quer deixar para o leitor, me chamou atenção. O parágrafo dizia: “Columbia ensina você a ser um jornalista - como escrever, como fazer as perguntas críticas, como obter a verdade em suas reportagens. Mas o que realmente faz com que este seja um lugar especial é a rede de jornalistas que você encontra aqui, dos professores aos ex-colegas que estão nas redações de todo o mundo<sup>64</sup>”.

A valorização de uma “rede”, de um grupo, soa bastante familiar. E, nesse caso, a universidade deixa como impressão final a ideia de que a justificativa para a escolha universitária tem relação com o caráter do grupo nos moldes que o próprio grupo produz e identifica. Ou seja, há por parte da postura da universidade a valorização das relações do grupo, a partir dos critérios que seus próprios integrantes selecionaram, os critérios “práticos” que valorizam os aspectos internos, entre eles a relação e formação do grupo a partir do que aprendem com os pares, na experiência dentro do próprio grupo.

Outro exemplo de “aceitação” do caráter do jornalista pode ser notado na apresentação de um modelo de educação jornalística onde os estudantes aprenderiam no “mundo real”, com experiências semelhantes às de hospitais-escola. Este modelo, defendido por nomes como Nicholas Lemann, antigo diretor da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Columbia, e Eric Newton, consultor da Fundação Knight<sup>65</sup>, propõe que as faculdades de Jornalismo criem maneiras de proporcionar ao estudante experiências práticas, modos de ensinar

---

<sup>64</sup> Tradução minha do inglês para português.

<sup>65</sup> Fundação contribui com programas e iniciativas relacionadas a inovações na área do jornalismo. Para saber mais, ver: [www.knightfoundation.org](http://www.knightfoundation.org)

que sejam semelhantes à maneira como estudantes de medicina aprendem sobre sua profissão<sup>66</sup>.

Este modelo que, segundo seus defensores, ajudaria o ensino de jornalismo a se reinventar e agir diante da possibilidade de se tornar desnecessário, utilizaria a própria comunidade como lugar de pesquisa e ferramentas digitais para registrar as informações recolhidas. Ao tentar corresponder de modo mais explícito às experiências do mundo real, cria-se uma aproximação com o caráter do jornalista, na forma retórica do grupo, a partir da expectativa de chegar o mais próximo possível da “realidade profunda” (Baudrillard, 1991:13)<sup>67</sup>.

Utilizando o ambiente local, a rua, a comunidade para as experiências práticas, o ensino acadêmico proporcionaria uma relação de “proximidade extrema” com o real, não precisando mencionar e preparar o estudante para possíveis situações, por já estar diante delas, ainda que em sentido experimental. A simulação do real no mundo real seria como a realização de uma peça teatral onde o ensaio seria mais parecido com uma estreia fechada para convidados, onde é permitido errar, mas as atuações já são para valer e já não é possível propor alterações para o cenário.

As universidades brasileiras também apresentam “aceitações” ao caráter do jornalista tal qual o grupo o reivindica, por exemplo, através das escolhas de disciplinas que serão oferecidas ao longo do curso de Jornalismo. Segundo a pesquisa “Análise das matrizes curriculares dos cursos de Comunicação com habilitação em Jornalismo no Brasil: um retrato da realidade nacional”, divulgada em 2012, a escolha e organização de disciplinas produz um desequilíbrio entre disciplinas que estimulam compreensão e conhecimentos (teoria) e disciplinas de aplicação e avaliação de habilidades jornalísticas (prática).

A pesquisa revela que disciplinas tidas como teóricas, definidas na pesquisa como disciplinas de Conhecimento e Compreensão<sup>68</sup>, possuem carga

---

<sup>66</sup> Artigo de Eric Newton **Back to school: the evolution of Journalism Education**, 2012.

<sup>67</sup> Argumento foi desenvolvido no capítulo 5 no item “5.2.1 Local de trabalho, ambiente interno X Universidade e ambiente externo”.

<sup>68</sup> As pesquisadoras citam uma série de disciplinas que consideram teóricas, cujos conteúdos abordam “a história da profissão; a história da comunicação e de suas interfaces culturais; os conhecimentos teóricos da área de comunicação; as políticas voltadas para a comunicação (...) [e]

horária menor que as disciplinas práticas, definidas como de Aplicação e Análise/Avaliação. Segundo as autoras, em todas as regiões do Brasil, há uma estrutura curricular mais voltada aos conteúdos práticos o que, segundo elas, diminui o espaço “para a reflexão dos processos comunicacionais” (Bernardo & Leão, 2012:269).

Na região Sudeste, região com mais cursos de jornalismo no Brasil e onde atuam ou atuaram os jornalistas entrevistados para esta pesquisa, foram analisadas 55 estruturas curriculares:

*Da média de 2760 horas-aula, são destinadas aos conteúdos teóricos apenas 640 horas-aula; mais 310 horas-aula para o Projeto Experimental e 1810 horas-aula para as disciplinas práticas (Idem, 2012:268).*

Além disso, o estudo propõe uma reflexão acerca de como esta desigualdade entre as disciplinas práticas e teóricas afeta o intercâmbio entre elas. Há, portanto, nesta desigualdade de forças entre as disciplinas, uma dificuldade de inter-relação entre conteúdos práticos e teóricos, em virtude tanto da predominância do foco nos critérios práticos para a formação do jornalista quanto em razão da falta de uma interação entre os conteúdos que contribuisse para uma relação mais equilibrada e de interação entre teoria e prática.

### *Contrariar*

Um outro cenário, bastante diferente, poderia ser construído a partir do caráter do jornalista, já que não faltam críticas ao “tipo ideal” que representa o grupo. Dentre as vozes que criticam este modelo de apresentação do grupo, está Jay Rosen<sup>69</sup>, que propõe revisões naquilo que configura sentido ao grupo. Rosen defende um movimento por um “novo jornalismo”, o “jornalismo público” ou

---

aspectos políticos, econômicos, históricos e culturais da sociedade em que a profissão se desenvolve”, em contraposição às disciplinas práticas, que são aquelas “de caráter profissionalizante e, portanto, mais prático” (Bernardo & Leão, 2012:260,261).

<sup>69</sup> Autor de textos acadêmicos, entre eles o livro **What are journalists for?** (1999a), e criador do blog Press Think, um projeto do Instituto de Jornalismo Arthur L. Carter, na New York University (NYU), Jay Rosen tenta atualizar o debate sobre a importância do jornalismo, seu impacto na sociedade e as mudanças na área. Rosen é professor de Jornalismo na New York University e defensor do “jornalismo público”, um movimento que confere ao jornalista a responsabilidade de promover e desenvolver a qualidade da vida pública. Para o professor, mais do que informar, o jornalista precisa atuar de modo a fazer do jornal um lugar de debate dos temas da comunidade. Nesse caso, mais do que descrever fatos, o jornalista usaria o jornal como plataforma de discussões de temas relativos à população local, dando espaço para que estes atores também sejam tema e vozes dentro das próprias matérias.

“jornalismo cívico”, onde o trabalho jornalístico renovaria o seu sentido e relevância, ao servir como caminho de melhoria da vida cívica, sendo espaço para debate dos temas da comunidade.

No caso, contrariando o caráter do grupo, o jornalista precisaria organizar seu sentido de grupo no compromisso com a sociedade. A relação de fora (sociedade) para dentro (grupo) é defendida por Rosen, já que, segundo ele, a profissão existe para servir aos cidadãos e, antes de tudo, em razão de o jornalista se perceber primeiramente como cidadão. Portanto, a identidade do jornalista deveria estar ligada primeiramente à sua identidade cívica. É o sentido cívico que incita o cidadão a se tornar jornalista.

Nesse sentido, os jornalistas não formariam seu caráter se diferenciando dos demais ou a partir de uma lógica interna; pelo contrário, escolhem a profissão por pertencerem a uma comunidade e por entenderem que o trabalho jornalístico precisa existir com e em relação a esta comunidade<sup>70</sup>. O jornalista e o jornal atuariam como parte da comunidade, se vendo como comunidade, sendo um espaço de debate para a comunidade.

Tendo em vista que o jornalista existe para a comunidade<sup>71</sup>, ele deve ajudar no empoderamento desta comunidade, deve mostrar para as pessoas toda sua “capacidade cidadã” (Rosen, 1999a:50). Para tal, todas as formas de conectar a população com a vida pública são bem-vindas. Entre elas, o relacionamento com outros ambientes, profissionais e pensamentos precisam adquirir espaço no trabalho jornalístico. Novamente, o caráter do grupo, que procura afastar outros

---

<sup>70</sup> O relevante a destacar no argumento do autor é a possibilidade de o caráter do jornalista ser construído por meio de caminho inverso àquele retoricamente produzido. Há uma crítica ao modelo de construção do grupo e aos seus modos de *ser* e *fazer* jornalismo reforçada pela falta de postura e de posicionamento por um “jornalismo público”. Ressalto que o debate sobre “jornalismo público”, que serviu para exemplificar um outro enfoque para se pensar sobre o papel do jornalista e do jornalismo, é bem mais profundo que o apresentado. Ele serve apenas para mostrar que existem reações críticas ao modo como o grupo se percebe e a sua relevância social. Para discussão mais ampla, ver **What are journalists for?** (1999), e **The Idea of Public Journalism** (1999).

<sup>71</sup> O autor usa o termo “comunidade” para mostrar a quem o jornalista deve se dirigir e entende que o termo “público” teve seu sentido esvaziado. Para Jay Rosen, a ideia de “público” foi sendo dissolvida na imaginação dos jornalistas e com ela o compromisso de se estar falando e representando um “público”. A abstração da ideia de público está entre os fatores que revelam a crise no jornalismo e a falta de comprometimento e de relação com a “comunidade” e suas demandas.

profissionais, o ambiente acadêmico e o público em geral de seu sentido de grupo, precisaria ser reformulado.

O jornalista não pode achar que é

*melhor informado, que sabe mais que os outros, que têm acesso aos melhores fatos e os melhores insights. Essa é uma tendência que representa a pior expectativa com relação ao público (Rosen, 1999a:70,71)<sup>72</sup>.*

Críticas à postura e ao papel social do jornalista também estão presentes no Brasil. Entre elas, a preocupação com o lugar do jornalista na sociedade contemporânea, já que a função e relevância do profissional como mediador entre público e informação tropeçam em ferramentas da cibercultura que podem destituir o jornalista da posição protagonista de produção e divulgação dos fatos.

Segundo Muniz Sodré,

*já não é nenhuma novidade dizer que a era eletrônica, com a internet à frente, pôs em crise a identidade corporativa do profissional de imprensa. Blogs e twitters estão aí para demonstrar que qualquer indivíduo, munido de computador e devidamente "antenado", é, no mínimo, um "protojornalista", isto é, uma fonte de informação ou de opinião conversível em discurso social (Sodré, 2010).*

Para Sodré, o jornalista precisa restabelecer sua função social e ser reconhecido como uma voz necessária neste novo contexto cercado por novos canais de informação e “protojornalistas”. Este reconhecimento, segundo o autor, passa pelo fortalecimento do compromisso do jornalista com a clareza dos fatos e, principalmente, pela percepção pública de quão imprescindível é esta responsabilidade. Nesse sentido, o jornalista precisa apresentar ao público sua importância e fazer com que ele compreenda a relevância de sua existência. Assim, o grupo possui seus atributos internos que os diferenciam dos demais indivíduos, mas precisa que estes indivíduos afirmem que sua atuação enquanto referência informativa continua fazendo sentido.

*Dialogar*

Há, ainda, uma postura mais “diplomática” de lidar com o caráter do jornalista, que tenta promover encontros entre os aspectos “práticos” e “teóricos”

---

<sup>72</sup> Tradução minha do inglês para português.

do grupo. São iniciativas acadêmicas que tentam desfazer a separação rígida entre estes dois aspectos através de projetos que trazem os jornalistas de volta à universidade.

Estas tentativas buscam renovar a relação com o profissional que se descola do ensino acadêmico e reconhece de maneira tímida sua relevância na vida “prática”, ao propor que, no retorno deste profissional ao seu trabalho, a participação acadêmica possa ser percebida e reivindicada como relevante na formação do caráter do grupo.

Um destes projetos, organizado pela Fundação Nieman<sup>73</sup>, na Universidade de Harvard, oferece bolsas de estudos para que jornalistas passem um ano na universidade desenvolvendo projetos para a melhoria do jornalismo. Pesquisas, plataformas online, projetos de design e programação, estratégias de negócios são algumas das opções de trabalhos a serem desenvolvidos. A intenção do projeto, que já recebeu mais de mil e quatrocentos profissionais norte-americanos e estrangeiros, é oferecer espaço, tempo e recursos acadêmicos para que o jornalista possa elaborar iniciativas e, posteriormente, aplicá-las em sua prática jornalística.

Durante o período em que o jornalista se dedica a desenvolver seu projeto ele também tem acesso a cursar disciplinas e participar de seminários, conferências e premiações. Esta relação renovada com o ambiente acadêmico faz com que este profissional retorne à sua prática cotidiana sendo influenciado pelo ambiente acadêmico, renovando os laços com a universidade.

A fundação também possui a plataforma NiemanLab<sup>74</sup>, que atualiza diariamente discussões nacionais e internacionais sobre o jornalismo a partir de temáticas como modelos de negócios; aplicativos e iniciativas virtuais; debates sociais e públicos; novas iniciativas; apurações, histórias e produções jornalísticas

---

<sup>73</sup> [www.nieman.harvard.edu](http://www.nieman.harvard.edu)

<sup>74</sup> A plataforma NiemanLab é responsável por atualizar discussões sobre o jornalismo em seu *website*, via *twitter* e através de boletins enviados para os endereços eletrônicos de jornalistas e demais interessados. Este boletim é bastante popular entre os jornalistas norte-americanos. Muitos jornalistas que entrevistei me aconselharam a acompanhar o NiemanLab ([www.niemanlab.org](http://www.niemanlab.org)).

com a finalidade de manter contato constante os jornalistas, ex-bolsistas ou não, através das discussões que se aproximam do cotidiano da profissão<sup>75</sup>.

Outra iniciativa de trabalho que busca estreitar a relação entre “teoria” e “prática”, contando mais uma vez com a participação do jornalista e do ensino acadêmico, é realizada pelo Instituto Poynter, que se dedica a promover discussões sobre a prática jornalística através de aulas, cursos, palestras, eventos presenciais e virtuais.

Jornalistas e futuros jornalistas, que assistem aulas organizadas tanto em um campus universitário quanto em plataformas virtuais ou em redações de jornais, têm como disciplina a discussão sobre suas práticas. A “temática acadêmica” do instituto se refere ao trabalho do jornalista, ao profissional que “produz, edita, reporta, escreve, fotografa e programa”<sup>76</sup>. Com isso, a “prática” (trabalho do jornalista) é trazida para dentro da “teoria” (ensino acadêmico) a partir do momento em que elementos do cotidiano do profissional são transformados em disciplina, em tema a ser desenvolvido em ambiente acadêmico.

O que se pode notar a partir destes exemplos é que o encontro entre a “teoria”, no caso, o ensino acadêmico, e a “prática”, no caso, o trabalho jornalístico cotidiano, pode renovar a relação do jornalista com seu caráter e reconstruir a relação entre elementos aparentemente dissonantes.

Em comum, estas três maneiras de “reagir” ao caráter do jornalista mostram que identificar aspectos da construção do grupo é ter elementos para interagir com ele. Com isso, conclui-se que conhecer as características do grupo contribui para o tipo de relação que se deseja estabelecer, seja ela mais ou menos permissiva ao caráter. O momento atual incita reflexões sobre o caráter do jornalista e, principalmente, reações.

---

<sup>75</sup> Outras instituições universitárias e organizações elaboram, divulgam e financiam iniciativas que possam contribuir com o futuro do jornalismo. Indico também o trabalho realizado pela Fundação Knight ([www.knightfoundation.org](http://www.knightfoundation.org)), que financia projetos de inovação no jornalismo e conta com a participação de docentes e universidades para desenvolver e divulgar os projetos.

<sup>76</sup> Trecho retirado do site do instituto [www.poynter.org.br](http://www.poynter.org.br)